

Marcelo J. Fernandes¹

A pergunta é um clássico, um lamento sempre desferido à queima-roupa, pelas manhãs, nos corredores dos colégios da rede pública, apinhados de alunos que aguardam ansiosos pela falta de algum professor. Tão logo se confirme a ausência, a divulgação é ampla e imediata entre as classes, já na esperança de que as aulas sejam suspensas, ou no mínimo, “adiantadas”. Ou seja, é uma pena, é lastimável que o professor tenha vindo trabalhar. O ideal era que não viesse, para que não houvesse aula. É horrível que o professor venha, e ainda por cima, que queira dar aula. Trata-se do único profissional que não é bem-vindo ao trabalho. Não se imagina a lamentação de pacientes pela chegada do médico ao hospital, do bombeiro ao quartel ou do motorista à garagem dos ônibus.

Iniciada a aula, um cenário devastador: enquanto o professor tenta iniciar o seu trabalho e escreve o conteúdo no quadro obsoleto, todas ou quase todas as atenções estão voltadas para os celulares – embora o seu uso seja proibido por lei estadual – jogam partidas, conversam, assistem a programas, apostam, tudo alheio à aula. Algumas alunas, de costas para o quadro, fazem *selfies*, retocam as unhas, ajeitam os cabelos, enquanto um grupo, no canto, joga baralho. Outros, ainda mais ousados, no fundo da sala, cantarolam refrões de *funks*, entoam louvores *gospel* ou conversam alto e reagem entre si às gargalhadas e gritos, entremeados de palavrões, como se estivessem num estádio, talvez, ou em algum am-

¹Doutor em Letras (UFRJ), com pós-doutorado em Literatura Comparada (UFMG).

Professor da rede pública estadual (RJ) e municipal (Petrópolis-RJ).

biente onde não houvesse qualquer tipo de normas, regras ou limites, e, claro, nenhuma sanção ou penalidade. Na verdade, todo esse conjunto de atitudes e comportamentos espelha um anunciado panorama pós-pandêmico e apocalíptico.

Os discentes – em sua grande maioria – não sabem o que fazer na escola, e sobretudo, o que a escola pode fazer por eles. A escola também já não sabe. Após a experiência da escola virtual – ou híbrida, síncrona ou assíncrona – durante o surto de covid-19, o estudante percebeu que existe uma escola na palma da mão, muito bem conhecida, atraente e instantânea, sem os incômodos presenciais. Nessa nova circunstância, o aluno não sabe por que, obrigado, vai à escola. Entretanto, o espaço comunitário é agradável, encontram-se seus pares, a quadra de esportes é satisfatória e a comida, boa. Só há um problema incontornável: aula. Quando tudo está em perfeita ordem, eis que surge um elemento intrusivo, desagregador e inimigo: o professor. E se esse “quiser trabalhar”, ou seja, dar aula, partilhar conteúdo e avaliar, será eleito *persona non grata* por aqueles que têm repulsa à aula, péssimos resultados e um conseqüente ódio ao docente.

“É preciso reter o aluno, evitar a evasão”, diz a porta-voz do serviço público. Assim, afrouxam-se as avaliações, promove-se semiautomaticamente e, sobretudo, não se coíbe a indisciplina, a má conduta, o desrespeito à instituição, ao espaço escolar e seus atores pedagógicos. Não há sanções nem funcionários para aplicá-las; mais que isso, o aluno já não teme penalidades ou a “repetência”. Uma vez que o discente não vê serventia ou utilidade para o conteúdo da aula e qualquer *influencer* digital influencia exponencialmente mais do que o *influencer* docente, a escola poderia ensiná-los apenas ética e cidadania: disciplina, regras e normas de convívio em sociedade, como uma maquete do mundo para o qual sequer estarão aptos.

Entrementes – como é bom usar um advérbio em desuso – na rede privada o cenário é consideravelmente distinto. Há décadas, lecionava numa das dez melhores escolas do país; atravessava o quarteirão e ia para a escola pública. A série era a mesma; a disciplina, a mesma; o conteúdo, o mesmo; o livro didático, o mesmo, e eu era também o mesmo. Mudava apenas o público; a aula era idêntica. Certa vez, contei isso a eles

e perguntei-lhes: "o que muda, então? Qual é a diferença?". Respondeu-me, categórico, um aluno: "Ah, mestre, é que aqui é zoadado." Zoadado. O quanto cabe de justificativa e significado nesse singelo adjetivo? Ou seja, a diferença está na percepção do espaço público, zoadado. Não está neles, mas no âmbito de algum tipo de demérito introjetado. É preciso que se valorize a escola pública, o seu ambiente, e, sobretudo, os profissionais que ali estão selecionados por criteriosos concursos, não à toa.

Há um déficit de 235 mil professores hoje, no Brasil, dizem algumas estimativas de gabinetes. Os cursos de licenciaturas estão cada vez mais esvaziados, e poucos alunos chegam a concluí-los. Há cerca de vinte anos, o gramático e professor titular da Unb, Marcos Bagno, falava da "catástrofe dos cursos de Letras", em que se formavam classes de professores totalmente despreparados e sem vocação, que escolhiam esses cursos por serem os menos procurados e com mais vagas, renunciando um futuro de profissionais com escassa bagagem cultural e consequente reduzida competência. E essa escassez hoje já não atinge somente a rede pública.

Leonel Brizola, em um acalorado debate eleitoral quarenta anos atrás, quando indagado se o projeto inovador dos CIEPs era custoso, disse: "A Educação é cara; mais cara ainda é a ignorância", antevendo o cenário em que nos encontramos. Hoje, a retomada da educação básica integral é crucial para o desenvolvimento do país, em caráter prioritário e urgente.

35 anos de magistério.

Não há muito tempo, ouvi de uma coordenadora pedagógica que "eu estava velho, perto de me aposentar", e "que havia perdido o ânimo e a paciência"; acrescentou – do alto de sua sapiência – que "como eu era doutor, e lecionava em pós-graduação, não via mais sentido em dar aulas a adolescentes." Por fim, disse-me que eu não tinha mais "presença de palco." De outra escola, uma orientadora afirmava que "a indisciplina ocorria porque os alunos testam os professores; eles fazem com quem

podem”, ou seja, eu perdera, pois, o “domínio de turma”. Pedagógica e evidentemente, o problema é do professor. Sempre e invariavelmente.

Chego à casa, exaurido. O trabalho de impor aulas a quem não as quer é braçal, estafante e estéril. Recebo o carinho isento dos gatos e passo pelas estantes com tantas placas, medalhas, diplomas, homenagens coligidas ao longo desses trinta e cinco anos. Penso se iludi a tantos, por tanto tempo, ou a mim mesmo. Olho apenas para as mãos, ainda sujas de giz, de quando esse ainda aniquilava o obscurantismo.

Urge reorganizar a escola pública.

Urge retomar a educação básica integral.

Urge revalorizar o magistério.